

e a emancipação continua de pé. Que melhor sinal do espírito público do que a liberalidade particular de grandes e pequenos proprietários, deixando em seus testamentos a liberdade aos seus escravos e distribuindo terras entre eles? Cada dia um novo nome se inscreve no livro de ouro, cujas páginas todo brasileiro tem orgulho de ler. Que melhor sinal também do que a posição assumida pelos principais jornais do país, todos favoráveis à emancipação, como o Jornal do Commercio, cuja defesa do fundo de resgate honra o nosso jornalismo, e a Gazeta de Notícias, sempre aberta a qualquer reforma social? Toda a generosidade do país está levantada, desde muito tempo, a favor de uma abolição progressiva. Em qualquer lugar, nos comícios públicos ou nas galerias no Parlamento, cada palavra sobre a abolição desperta aplausos e uma verdadeira popularidade se liga à memória daqueles que foram os precursores da idéia e a cada estadista que procura construir a grandeza do país sobre um solo livre. Finalmente podemos contar com um tardio mas poderoso contingente quando todos aqueles que descendem dos escravos compreendam o dever que a herança lhes impõe para com a causa que defendemos.

“O fato continua, mas o direito passou, disse meu Pai, o Senador Nabuco, referindo-se à benfazeja lei de 28 de setembro de 1871. Pois bem, um fato que não repousa sobre o direito está condenado a perecer. Não tem vida própria, perene, e quanto mais cedo desapareça, melhor será”.

“A Sociedade Inglesa e Estrangeira contra a Escravidão assiste cada dia à propagação dos seus esforços. Esse é o resultado do trabalho de nivelamento social e moral que está sendo realizado nos países civilizados. Esses esforços mais de uma vez se dirigiram para o Brasil e não lograram êxito. Pois bem, o dia não está muito longe, quando no mapa geográfico da escravidão, o Brasil e Cuba, duas das mais lindas e férteis porções do globo, não serão mais manchas negras no solo americano. Naquele dia o seu trabalho estará quase terminado, mas somente a partir daquele dia, numa data que eu chamei de “hejira” nacional, começará a vida nova de um país destinado a se tornar, por força tão-somente do trabalho livre, uma casa abençoada e o orgulho dos seus filhos naturais ou adotivos”.

Ocorre-me lembrar, com relação à frase acima, onde Nabuco demonstra a sua gratidão por aqueles que em testamento davam a